



## DE PRINCESAS NEGRAS A ORIXÁS: A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NEGRA EM “OMA- OBA: HISTÓRIAS DE PRINCESAS”<sup>1</sup>

### FROM BLACK PRINCESSES TO ORIXAS: BLACK FEMALE REPRESENTATION IN “OMA-OBA: STORIES OF PRINCESSES”

Danieli Pinheiro Nunes de Oliveira<sup>2</sup>  
Renan Fagundes de Souza<sup>3</sup>

#### RESUMO

O objetivo deste artigo é identificar as personagens negras na literatura infantil e juvenil em língua portuguesa. Para abordar essa temática, foram utilizadas fontes relacionadas às africanidades (Silva, 2005; Souza, 2017) e como elas são mencionadas nos contos. Uma das fontes analisadas foi o livro “Omo-Oba: histórias de princesas” 2009, da autora Kiusam de Oliveira e ilustrações de Josias Marinho, juntamente com outros materiais relacionados ao tema. O objetivo geral foi aprofundar os conceitos da literatura infantil e juvenil de temática da cultura africana e afro-brasileira (Debus, 2017), e propor uma atividade em sala de aula que valorizasse nossas raízes, tendo como base as africanidades e o ressignificação das personagens negras na literatura infantil e juvenil. A partir dessa abordagem, foram selecionados clássicos da literatura infantil e juvenil que apresentam personagens negros, como mencionado por Oliveira (2000), em sua pesquisa sobre a literatura infantojuvenil brasileira. Até o momento, esses clássicos fazem parte do conjunto de análises voltadas para a representação dos negros, conforme já apontado nas pesquisas de Jovino (2006), Araújo (2010) e outros. As literaturas infantis e juvenis, juntamente com outras obras e autores, foram selecionadas com base nas contribuições de Lajolo (2011) para a discussão do contexto literário no ambiente escolar e nas experiências vivenciadas em uma turma do quarto ano do ensino fundamental.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representatividade feminina negra. Literatura infantojuvenil. Africanidades.

#### ABSTRACT

The aim of this article is to identify black characters in children's and young adult literature in Portuguese. To address this issue, we used sources related to Africanities (Silva, 2005; Souza, 2017) and how they are mentioned in the stories. One of the sources analyzed was the book "Omo-Oba: histórias de princesas", by the author Kiusam de Oliveira and illustrated by Josias Marinho, along with other materials related to the theme. The overall aim was to deepen the concepts of children's and young people's literature themed on African and Afro-Brazilian culture (Debus, 2017), and to propose a classroom activity that values our roots, based on Africanities and the re-signification of black characters in children's and young people's literature. Based on this approach, we selected classics from children's and young people's literature that feature black characters, as mentioned by Oliveira (2000) in his research into Brazilian children's and young people's literature. So far, these classics are part of the set of analyses focused on the representation of black people, as already pointed out in the research by Jovino (2006), Araújo (2010) and others. Children's and young people's

<sup>1</sup> O artigo proposto é resultado da pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de graduação em Licenciatura em Letras – Português/Espanhol, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade de Telemaco Borba (Fateb). Discente de Letras-Espanhol na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

<sup>3</sup> Discente de doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR). Mestre em Linguagem, Identidade e Subjetividade e Graduado em Letras – Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

literature, along with other works and authors, were selected based on Lajolo's (2011) contributions to the discussion of the literary context in the school environment and the experiences of a fourth grade elementary school class.

**KEYWORDS:** Africanity. Children's and young people's literature. Black representation.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura sempre esteve presente em minha vida, desde criança, por incentivo de minha mãe. Hoje, como professora na educação infantil e nos anos iniciais, percebi a necessidade de abordar a literatura africana, na prática docente. A fim de buscar aprofundar meus estudos, surgiu o interesse de fazer o curso de Licenciatura em Letras, com o objetivo de conhecer mais a respeito deste universo tão enriquecedor da Literatura, que já contribuiu e muito tem a oferecer para a humanidade.

No ano de 2020, tive a oportunidade de trabalhar a disciplina de Ensino Religioso com turmas dos anos iniciais. Confesso que me surpreendia a cada sequência didática (SD's) elaborada, compreendia o quanto eu não conhecia nada sobre a cultura indígena, africana e afro-brasileira, mas me encantei com cada nova descoberta, seguida do desejo de conhecer mais sobre o assunto, bem como a ressignificação do tema. Meu objetivo com este trabalho é aprofundar os conceitos da literatura infantojuvenil<sup>4</sup> e proposta de trabalho sobre este tema em sala de aula, valorizando as raízes negras, tendo como base as africanidades<sup>5</sup> e a ressignificação das personagens negras.

O objetivo geral deste trabalho é identificar a representação feminina negra na obra “Oma-Oba: histórias de princesas”, de autoria de Kiusam de Oliveira e ilustrada por Josias Marinho, datada de 2009. Sendo assim, foi necessário correlacionar a obra com práticas pedagógicas em uma turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como objetivos específicos, visa-se: i) analisar os contos de modo a identificar as formas de representação das personagens; ii) propor uma sequência didática (SD) embasada no conceito de africanidades e aplicá-la em uma turma do quarto ano das séries iniciais, dialogando sobre os resultados obtidos.

---

<sup>4</sup> A opção baseia-se nos estudos da pesquisadora Eliane Debus (2017), que, em suas pesquisas, apontava a falta de consenso na literatura infantil em relação à terminologia a ser utilizada para se referir à literatura escrita sobre o povo negro ou por autores/as negros/as, inaugurando assim a produção conceitual nesse campo.

<sup>5</sup> Termo cunhado pela pesquisadora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2003) para quem a expressão refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Em outras palavras, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, os desorganizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia a dia. Vale enfatizar os estudos de Renan Fagundes de Souza (2017), os quais versam sobre as africanidades na literatura infantil e juvenil em perspectiva afrodiáspórica.

A construção da identidade<sup>6</sup> da criança é formada pela influência que ela recebe dos referenciais que são apresentados na infância. Alguns elementos importantes fazem parte deste cenário, entretanto, a literatura infantil é indispensável no processo de desenvolvimento da infância. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com a literatura infantil, sendo uma delas a oralidade e a outra por meio do contato com os livros. Nas duas formas, a criança vai encontrar os personagens principais como: heróis, mocinhas, príncipes, princesas, fadas, animais, dentre outros.

Na maioria das vezes, o que encontramos são personagens de origem europeia, como princesas brancas e frágeis que esperam por príncipes brancos que irão salvá-las, representando, assim, apenas as crianças brancas. Tal circunstância leva, conseqüentemente, a crianças negras não sendo representadas pelos personagens principais, promovendo a sensação de que os padrões de beleza do que é bom são apenas aqueles estabelecidos pelos brancos. Contos como “Branca de Neve”, “Cinderela”, “Chapeuzinho Vermelho”, dentre outros de origem europeia, não representam todas as crianças, pois não abrem possibilidades de representação da cultura e raça negra<sup>7</sup>.

A metodologia utilizada é o livro “Oma-Oba histórias de princesas” como fonte, estudo de caso e como material didático da proposta para o presente trabalho consiste em levantamento bibliográfico. Inicialmente, foi efetuada a leitura de periódicos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) sobre literatura infantil e juvenil de temática da cultura africana e afro-brasileira. Segundo Severino (2007), o registro de pesquisas anteriores, realizadas por pesquisadores, tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. Esse tipo de estudo é fundamental para iniciar o desenvolvimento de análise, visto que é a partir da revisão bibliográfica que o indivíduo tem a oportunidade de conhecer e compreender o tema escolhido.

O trabalho foi a construção da investigação do tema abordado, sendo a pesquisa bibliográfica um trabalho repleto de detalhes, com o objetivo de encontrar o conhecimento como suporte fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. Além disso, foi elaborada uma proposta de intervenção em ambiente escolar, com objetivo de promover maior reflexão a respeito do

---

<sup>6</sup> Segundo Hall, a identidade não é algo fixo ou inato, mas sim um processo contínuo de construção e negociação, influenciado por fatores como cultura, história, política e relações de poder.

<sup>7</sup> Utilizamos o termo raça com base nas afirmações da pesquisadora Nilma Lino Gomes assim explica: “o termo raça lhe atribuindo um significado político construído a partir da análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro e considerado as dimensões histórica e cultural que este nos remete” (2005, p. 47).

protagonismo negro feminino, a partir da obra. Ao todo, foram quatro sessões realizadas para obtenção dos resultados posteriormente mencionados.

A Lei 10.639/2003 que aborda a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira nas escolas públicas surgiu para corroborar com uma educação inclusiva, com intencionalidade de promover a igualdade de direitos e a valorização da história ancestral da nossa cultura e das relações étnico-raciais. O regulamento evidencia que a cultura africana e afro-brasileira não deve ser lembrada em apenas um dia, o da consciência negra, mas como parte da cultura valorizada em todos os aspectos: culinária, dança, música, literatura e religiões de matrizes africanas (Brasil, 2004). As crianças negras também precisam ser representadas, pois caso isso não ocorra, podem crescer com a sensação de que não há lugar para elas, por não se encaixarem dentro dos referenciais estabelecidos. As narrativas que valorizam a cor, o cabelo, as características físicas, a ancestralidade, os traços culturais e as africanidades, auxiliam a formação identitária positiva de crianças e jovens. Por isso, se fazem necessárias mudanças que possibilitem a ressignificação e a valorização da cultura africana, de tal modo que as crianças negras possam sentir-se valorizadas, representadas e reconhecidas.

No entanto, é preciso questionar: como podemos contribuir para a identidade e autoestima da criança negra? De que modo as crianças negras podem se identificar como os personagens das histórias infantis? De que forma as crianças podem conviver com a diversidade cultural e a valorização da cultura negra? Espera-se que este artigo possa contribuir para a valorização da literatura infantil e juvenil, em uma perspectiva da cultura africana e da ressignificação das africanidades, embasado na obra “Oma-Oba histórias de princesas” de Kiusam de Oliveira.

Diante disso, o presente texto está organizado em seções, iniciado pela introdução, em que foram estabelecidas considerações iniciais sobre a temática, possibilitando ao leitor uma síntese geral da discussão a ser tratada. Em seguida, será analisada a revisão da representatividade da figura feminina negra apresentada na obra “Oma-Oba”. No momento seguinte, serão pontuadas reflexões sobre as experiências vivenciadas na escola em termos de resultados, para uma ressignificação e nova perspectiva da cultura africana e afro-brasileira, utilizando a literatura infantojuvenil como ponto disparador para a elaboração de plano de aula ou sequência didática. A sequência didática foi realizada com duração de 8 horas, em uma turma de quarto ano das séries iniciais. Posteriormente, foram mais 4 horas de duração em outras 3 turmas de quarto ano. Por fim, foram acrescentadas 8 horas para 12 turmas da educação infantil, sendo 7 turmas do infantil V e

5 do infantil IV, complementando a intervenção efetuada. Vale mencionar que a escola registrou e publicou a atividade em seu portal nas redes sociais<sup>8</sup>.

## 2 LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

Por volta do século XVII, surgiram as primeiras obras que se constituíram como gênero literário infantil, simultaneamente com o surgimento do conceito de infância, segundo Áries (1985), que passou a considerar a criança como um ser em desenvolvimento, dotado de capacidades emocionais e intelectuais correspondentes à idade. Antes deste período, as crianças eram consideradas homens e mulheres em miniaturas que compartilhavam do mesmo espaço de convivência.

Segundo Jovino (2017), a sociedade europeia passava por mudanças significativas, o que levou às famílias a voltarem seus olhares para a educação e a formação das suas crianças e jovens, surgindo a necessidade de uma literatura voltada para este público. Para Oliveira (2003), alguns fatos importantes ocorreram no século XVII, como a reestruturação das escolas e a adequação dos contos para amparar os educadores na instrução dos filhos dos burgueses, fatos que foram fundamentais para a literatura infantil.

As primeiras obras direcionadas ao público infantil no século XVII foram produzidas pelos autores La Fontaine, Charles Perrault, Hans Christian Andersen e Irmãos Grimm. Os autores escreveram e reescreveram contos e narrativas baseadas em conceitos morais e cristãos. Algumas obras não foram feitas para as crianças, mas foram adaptadas para este público-alvo, ou seja, a literatura não foi neutra, mas atribuída por valores e princípios da sociedade em questão. Os primeiros livros infantis surgiram para atender as exigências de um determinado grupo social emergente. Para Zilbermam (1987), era por meio das narrativas que os adultos transmitiam seus valores, influências e domínio para com as crianças:

A literatura infantil, por sua vez, é outro dos instrumentos que tem servido à multiplicação da norma em vigor. Transmitindo, via de regra, um ensinamento conforme a visão adulta de mundo, ela se compromete com padrões que estão em desacordo com os interesses do jovem (Zilberman, 1987, p. 20).

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=427554005515960&id=100047840919847](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=427554005515960&id=100047840919847). Acesso em: 15 de janeiro de 2024.

A educação passa a ter objetivos claros para o novo modelo de família burguesa que se estabeleceu na sociedade, ao passo que a infância começou a ser vista de modo diferente da idade adulta. A família burguesa preocupou-se em atender as necessidades desta faixa etária, pois acreditavam que as crianças aprenderiam com as narrativas. Desta maneira, buscavam por meio da literatura controlar o desenvolvimento intelectual das crianças, tanto nos aspectos cognitivos como emocionais. A literatura passa a ser um instrumento para ensinar as crianças e prepará-las para a vida, recebendo uma formação cidadã. Dessa forma, como a literatura infantil foi destinada a um grupo específico, os modelos estabelecidos foram de personagens de crianças brancas e burguesas.

No Brasil, a literatura surgiu no final do século XIX e no começo do século XX, seguindo as influências da Europa, tanto na literatura destinada aos adultos como para as crianças. As narrativas infantis de tradição popular europeia foram traduzidas e inspiradas nestes modelos, contos até hoje conhecidos como as “Aventuras de João e Maria”, “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “Barba Azul” e “Pequeno Polegar”, narrativas voltadas para adultos e posteriormente traduzidas e adaptadas para o público infantil.

Segundo Oliveira (2007), os padrões sociais neste período estavam voltados para a busca de uma consolidação social, um período em que se procurava um branqueamento da população brasileira e uma associação com os padrões europeus, incentivando a vinda destes imigrantes, acreditando no desenvolvimento do país. Seguindo este pensamento de desenvolvimento, a política se preocupou com a questão da identidade étnica, no qual o negro era visto como um problema social. Neste sentido a literatura que também faz parte do contexto histórico da sociedade brasileira estava sendo produzida e inspirada nos moldes europeus, voltada para a elite:

As obras inicialmente produzidas diziam respeito a grupos específicos de crianças: meninos (em sua grande maioria), burgueses e brancos (tratando-se especialmente do Brasil), fica evidente segundo a pesquisadora que não havia qualquer tipo de preocupação com as crianças indígenas e negras (Araújo, 2010, p. 52).

As obras estrangeiras foram inicialmente traduzidas e publicadas por escritores brasileiros. Os contos de fadas, principalmente para o público infantil, em um primeiro momento destinado aos adultos, tiveram grande contribuição para a formação da literatura infantil e juvenil. Outro fato importante foi o surgimento de um movimento de artistas brasileiros que se preocuparam em produzir obras que enriquecessem a cultura nativa, priorizando o patriotismo. Para Araújo (2010, p.54), enquanto a literatura infantil buscava se desvencilhar das armadilhas das traduções

descontextualizadas de obras europeias, “caía em outras ao propor uma literatura didatizante e patriótica”.

As obras brasileiras favoreciam conceitos de moral, tais como virtude e obediência, tendo como objetivo principal ensinar a criança por meio de narrativas com fundo de moral, com ensinamentos que os adultos acreditavam ser relevantes, tornando a produção literária utilitária e didática, com a intenção de promover comportamentos esperados por uma criança. Lajolo e Zilbermam (2007) descrevem que era comum a participação das crianças como protagonistas nas narrativas, porém, com uma imagem estereotipada, demonstrando o que se esperava de um comportamento ideal e perfeito a ser cumprido.

Os artistas brasileiros, por sua vez, realizaram uma tentativa de valorização da cultura brasileira. No entanto, as narrativas ainda persistiram com viés europeizado, como afirma a pesquisadora Mata (2015). Segundo ela, nos acostumamos com as adaptações de contos de fadas, pois temos por referências personagens exclusivamente brancos sendo heróis, príncipes e princesas, nos remetendo ainda a ideia de que são felizes para sempre.

Assim, faz-se necessário averiguar as africanidades trazidas na Literatura, conforme reitera Silva (2003). Ao evidenciar os traços africanos em diferentes espaços sociais, a autora enfatiza que diferentes momentos produzem distintas noções de africanidades. Assim, uma literatura de resistência se faz fundamental para a compreensão desses traços identitários que permeiam a cultura literária/ brasileira (?).

No início de 1920, segundo Araújo (2010), a literatura infantil e juvenil teve uma nova concepção devido ao movimento do Modernismo. Neste período surge Monteiro Lobato, um dos autores mais conceituados e renomados da literatura infantil. Em uma tentativa de enaltecimento da cultura brasileira, procurou trazer em suas obras elementos do folclore e histórias brasileiras. Conforme afirma Lajolo e Zilberman (2007), os escritores(as) produziam suas obras tendo em vista adaptações de clássicos europeus, materiais folclóricos e raízes locais.

Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a apresentar obras voltadas para as crianças. Cabe aqui um parêntese para lembrar que o Parecer CNE/CEB nº 15/2010, relatado pela professora Nilma Lino Gomes, aborda um recurso apresentado em julho de 2010 por Antônio Gomes da Costa Neto contra a adoção do livro “Caçadas de Pedrinho”, de Monteiro Lobato, em uma escola do sistema educacional privado do Distrito Federal. A contestação se concentra, especificamente, na caracterização da personagem Tia Nastácia, uma mulher negra, e nas descrições de animais como o urubu, o macaco e feras africanas. Segundo o parecer, essas descrições carregam

estereótipos acerca dos negros e do continente africano, um aspecto que se repete em diversos trechos da obra em questão.

### **3 PERSONAGENS FEMININAS NEGRAS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA**

As personagens femininas negras na literatura infantojuvenil possuem multiplicidade de universos de atuação, com padrões comportamentais e estruturais que conjugam com os processos históricos e a visão dos autores em cada época. Essas narrativas podem ser elaboradas em momentos com maior protagonismo negro ou com menor participação em sociedade. Em cada um dos casos, não há como generalizar a produção e recepção dos leitores e espectadores em relação à essas personagens, já que possuem diferentes formas de manifestação do eu perante suas realidades imagéticas construídas.

Com o intuito de alguns autores brasileiros produzirem obras nativas, segundo Gouvêa (2005), a brasilidade passa a ser um elemento fundamental para a construção da identidade nacional. Segundo Jovino (2006), no final da década de 1920 e início da década de 1930, os personagens negros começam a aparecer nas narrativas. Porém, não caracterizavam os personagens negros de forma construtiva, evidenciando-o em sua cultura, mas representavam uma imagem negativa, como subalterno, analfabeto e ignorante, vinculada ao preconceito e ao racismo:

Na literatura infantil há uma representação social das relações inter-raciais no Brasil, representações em que uma visão racista e etnocêntrica se faz presente, de maneira sutil, escapando à idealização pretendida pelos autores”. Buscou-se, então, resgatar a cultura negra nas narrativas da época, porém esse resgate foi permeado pelo racismo e depreciação do povo negro, nas obras de Monteiro Lobato e de seus contemporâneos (Oliveira, 2018. p. 5).

Lobato teve uma contribuição muito grande para a literatura infantojuvenil e deixou um legado importante, segundo Matos (2012) o autor considera a criança como parte do processo, porém, é preciso atentar-se para a maneira em que representou em suas obras os personagens negros. Ao mesmo tempo que evidenciava nas narrativas a oralidade como elemento importante da cultura africana, hostilizava os personagens negros. Segundo Gouvêa (2005), na obra *Histórias de Tia Nastácia*, de 1937, a personagem era tratada de forma grosseira e hostil, sendo depreciada com apelidos pejorativos, como “negra beicuda”:



Tia Nastácia conta histórias para os demais moradores do sítio que, na posição de ouvintes, comentam as histórias que ouvem. À medida que o livro prossegue, as relações entre Tia Nastácia e seus ouvintes vão se tornando mais tensas, quanto mais cresce a insatisfação da plateia com as histórias narradas, às quais ninguém poupa críticas. No livro, Tia Nastácia representa o povo negro e sua cultura, reproduzindo narrativas ouvidas de outros negros mais velhos. Os demais personagens, ao ouvirem Tia Nastácia, não cessam de depreciar esse povo e suas histórias (Jovino, 2006, p. 187).

A boneca Emília desvaloriza sua fala com comentários ofensivos. Diante à situação, tia Nastácia perde o encanto de contar histórias e, em seguida, é substituída por Dona Benta, que lê histórias dos livros, valorizando a cultura branca. Tia Nastácia mesmo sendo considerada como pessoa da família é chamada de negra de estimação, sua função é de serviçal, o que reforça a ideia de que os negros são inferiorizados e ocupam papéis inferiores aos personagens brancos. Para Quadros (2020), a literatura brasileira elaborada para crianças traz como cânone as obras de Monteiro Lobato, em que o “Saci” é descrito como um menino negro que apronta uma gama de ações negativas, “Tia Nastácia” é a cozinheira, de pouco estudo e cujas histórias contadas são apenas credices do “Tio Barnabé”. Não havia qualquer valorização dos conhecimentos e história dos povos africanos, tidos como analfabetos, ignorantes e sem cultura, já que não aprendiam a ler nem escrever, somente repetiam o que ouviam.

Conforme Souza (2005), o negro aparece desde o princípio, na História e na Literatura, porém, de uma forma inferiorizada e estereotipada, com atributos negativos de preguiça, estupidez, feitiçaria, malandragem, passividade e feiura. Alguns autores retratavam o negro com mais empatia, como é o caso do escritor Castro Alves. Não se identificavam com os negros, apenas eram incentivados pelo momento histórico em que viviam. Outro aspecto que temos que considerar é o fato de que os autores denominavam os personagens negros pela raça a qual pertenciam, conforme explica a autora:

Outra característica presente em praticamente todos os textos referentes ao negro era a constante referência à raça, definidora dos personagens. Assim é que, invariavelmente, o nome dos personagens negros era substituído por vocábulos como: o negro, o negrinho, o preto, o pretinho, a negra, a negrinha, o preto velho, a negra velha (Gouvêa, 2005, p. 88).

É possível identificar que, ao apresentarem os personagens negros nas narrativas, os autores os vinculavam a características de inferioridade. Passado o período lobatino, seguem as décadas de 1950 e 1960. A sociedade passa por um processo de modernização que impactou diretamente a arte e a literatura infantil. No início dos anos 1970 houve um fato marcante, ocorre a inserção do

texto não-verbal, de modo que as ilustrações passam a fazer parte das narrativas infantis e juvenis, com a intenção de promover uma melhor compreensão das narrativas com conceitos moralizantes e didatizantes.

Porém, os personagens negros continuam sendo representados como subalternos, de forma estereotipada, inferiorizados, repletos de preconceitos. Segundo Jovino (2006), foi somente a partir de 1975 que a produção literária, representa os negros de uma forma mais comprometida com as questões sociais, ao abordar temas como racismo e preconceito. No início dos anos 1980 surge uma representação de personagens negras relacionadas à resistência e ao enfrentamento do preconceito, atribuindo novos papéis a estas personagens.

No estudo realizado por Oliveira (2003) sobre personagens negros na literatura infantojuvenil brasileira, dentre os anos de 1979 e 1989, a autora analisa doze produções literárias que influenciaram a construção dos personagens, anunciando concepções depreciativas do negro, relacionadas com questões de branqueamento, raça, democracia racial e racismo. No entanto, apenas uma das obras, “A cor da ternura”, de Geni Guimarães (1986), foi inovadora comparada às demais, pois esta obra contempla alguns aspectos positivos de um lar afetuoso, amoroso e solidário, a protagonista é negra, tem convivência com seus familiares e vivencia situações cotidianas como as demais famílias, sempre amparada pela sua mãe.

A representação materna é algo inovador, visto que antes não apareciam nas obras a figura materna. Essa obra tem uma mudança significativa na ressignificação da construção da identidade positiva do negro, pois ressalta-se a importância da africanidade e do protagonismo da mulher negra em sua atuação perante cada contexto social, pois a invisibilidade e a preterição, ao serem analisadas, demonstram rupturas e permanências na história literária desses sujeitos.

#### **4 KIOUSAM DE OLIVEIRA E A OBRA “OMO-OBA: HISTÓRIAS DE PRINCESAS”**

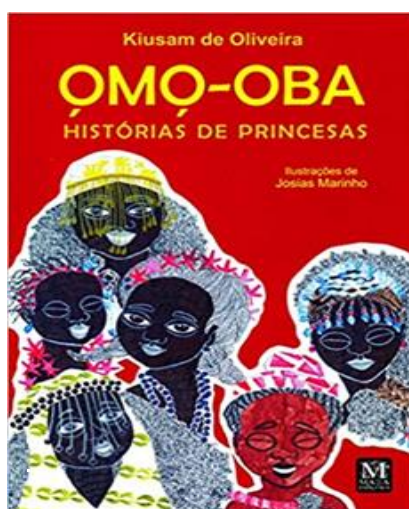
Kiusam de Oliveira, mulher negra, bailarina, pesquisadora e autora de literatura negro-brasileira do encantamento infantil e juvenil, apresenta em suas obras uma percepção voltada para a negritude, representatividade e o empoderamento das personagens negras. É doutora em Educação e mestre em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP). Autora de obras premiadas, reconhecidas nacionalmente e internacionalmente, tais como “Omo-Oba: Histórias de Princesas” (Mazza, 2009), “O mundo no blackpower de Tayó” (Peirópolis, 2013), “O mar que



banha a Ilha de Goré” (Peirópolis, 2015), “O blackpower de Akin” (Editora de Cultura, 2020), “Com que penteado eu vou?” (Melhoramentos, 2021).

A obra escolhida para análise deste trabalho foi o livro “Omo-Oba: histórias de princesas” (2009), a narrativa apresenta, na sua íntegra, quarenta e cinco páginas, composta por seis histórias de princesas negras, são histórias tradicionais contadas e recontadas pelo povo iorubano e afro-brasileiro (Oliveira, 2009, p. 07).

Figura 1 - Capa do Livro Omo-Oba: histórias das princesas



Fonte: Oliveira (2009).

Escrito em uma linguagem voltada para o público infantojuvenil, que representa Orixás<sup>9</sup> femininas do panteão Iorubá, a autora reconta os mitos africanos que são passados de forma oral nas comunidades de matriz africana. As Orixás são: Oiá, Oxum, Yemanjá, Olocum, Ajê Xalungá e Oduduá. Na obra, são apresentados os seguintes contos: 1) Oiá e o búfalo interior; 2) Oxum e seu mistério; 3) Iemanjá e o poder da criação do mundo; 4) Olocum e o segredo do fundo do oceano; 5) Ajê Xalugá e o seu brilho intenso; 6) Oduduá e a briga pelos sete anéis.

A autora enfatiza em sua obra o fortalecimento identitário de crianças negras e traz a história da ancestralidade africana na representação feminina. Segundo Quadros (2020), a autora prefere uma representação de Orixás crianças, são princesas que se tornaram rainhas sem a necessidade da figura masculina:

<sup>9</sup> O termo Orixás pode ser definido como força pura e como a materialização da divindade africana na personificação humana. Em termos antropológicos, é quando há a incorporação que legitima a essência da religiosidade. Sobre isso, ver: BARCELLOS, Mario Cesar. **Os orixás e a personalidade humana**. Rio de Janeiro: Pallas, 1990.



Podemos perceber um questionamento acerca do poder feminino o que rompe com o esperado de uma história de princesas como as conhecemos. Essas princesas não aguardam a chegada de um personagem masculino que as salvará, elas mesmas portam segredos míticos e místicos e poderes que não são habituais aos homens (Quadros, 2020, p. 156).

Tal perspectiva se encontra na contrapartida dos contos europeus, em que princesas esperam por um príncipe salvador, ou são descritas como jovens submissas, realizando trabalhos domésticos como uma tarefa própria da realidade em que estão inseridas. Já na obra “*Om̃-Oba: histórias de princesas*” (2009), mostra-se uma descrição de princesas, cada uma com suas singularidades, suas delicadezas, a qual valoriza-se a beleza e encantamento de cada uma, que rompe com os estereótipos criados nos contos de fada. Na mitologia africana, especificamente na cultura Iorubá, a representação feminina é empoderada: não são submissas e não aguardam príncipes, mas saem à luta do que julgam ser importante para elas e para seu povo na comunidade em que vivem.

## 5 (RE)CONHECENDO A OBRA “*OMO-Oba: HISTÓRIAS DE PRINCESAS*”

A primeira narrativa que tem por título “*Oiá e o búfalo interior*” e narra a história de uma menina que desde criança tinha como atributos a beleza, a graça, a rapidez, a determinação e a genialidade: “*Era de fato uma menina guerreira*”. Além de todos estes atributos, tinha o poder de transformar-se em animais, porém, o que mais gostava era o búfalo, mas isto era seu segredo.

Oiá era uma princesa que possuía muitas qualidades que rompem com os estereótipos femininos estabelecidos como parte da cultura brasileira. Oiá tinha qualidades e conhecimento que ninguém mais possuía, era muito conhecida pela sua determinação, além do espírito de princesa guerreira.

Figura 2 - Oiá e o búfalo interior



Fonte: Oliveira (2009).

“Oiá era uma linda princesa menina vaidosa gostava de usar seu adê, coroa de palha enfeitada de búzios, usava seu eukerê<sup>10</sup> cetro que segurava na mão esquerda para espantar os mosquitos e alguns espíritos suas cores preferidas eram: rosa, branco e vermelho” (Oliveira, 2009, p.12). A princesa de cabelos crespos engrandecia sua beleza com seus adornos no cabelo, seus itens mágicos e com as cores delicadas em suas roupas.

Ogum era o melhor amigo de Oiá, quando se encontravam brincavam e lutavam com seus instrumentos preferidos, Ogum com sua espada e Oiá com sua adaga, enquanto brincavam a princesa deixa seu adê<sup>11</sup> e sai depressa em direção à floresta, dizendo que precisava fazer algo importante e que não podia contar para ninguém, fato que despertava muita curiosidade em seu amigo. Ogum decide seguir a princesa na floresta e, em um determinado momento, surpreende-se ao deparar-se com um búfalo filhote. Correu rapidamente atrás do animal até o filhote parar e, escondido, viu quando o búfalo ficou em pé e a pele do animal se soltando do corpo dela: a bela Oiá apareceu. O menino guerreiro ficou surpreso com as capacidades mágicas da amiga, que responde:

Toda menina, toda mocinha e toda mulher tem dentro de si a força e o poder de um animal selvagem sagrado que, em certos momentos, devem ser colocados para fora, devem explodir para o universo com a mensagem de que fazemos parte de tudo isto. Quando colocamos nossa força para fora, muitos meninos e meninas, mocinhos e mocinhas, homens e mulheres não compreendem e, por isso, devemos mantê-la em segredo (Oliveira, 2009, p. 15).

Oliveira (2009) procura demonstrar a força e a determinação da mulher por meio da personagem infantil de Oiá, rompendo com os estereótipos estabelecidos pela sociedade patriarcal, modelo este que estabelece o homem como superior à mulher. Nestes padrões, a figura feminina representa a fragilidade e a submissão. A autora retoma elementos importantes, como o poder e a força selvagem que toda mulher possui, desde a sua infância, e que em algum momento da existência é despertado, afirmando o empoderamento da menina negra como um processo natural do desenvolvimento humano. A ilustração da menina Oiá é rica em seus detalhes, pois mostra a sua beleza e delicadeza vinculada a sua roupa, cores e seus enfeites.

“Oxum e seu mistério” narra a história da princesa formosa e perfumada, todas as crianças desejam ficar perto dela, todos ficavam encantados por sua beleza, vaidade, genialidade,

---

<sup>10</sup> Erukerê: cetro de princesa.

<sup>11</sup> Adê: Coroa de palha da costa enfeitada com búzios.



determinação e a maternidade. Sabia ser guerreira, mas preferia cuidar de sua beleza: “A menina princesa tinha conhecimentos que ninguém mais tinha, pois conseguia hipnotizar com sua beleza quem ela queria” (p.17). A princesa era linda e vaidosa, tinha cabelos crespos soltos, usava adê, coroa de ouro, enfeitada com colares e braceletes de búzios, carregava nas mãos seu espelho abebé<sup>12</sup>, leque-espelho e sua adaga. A beleza da princesa encantava tanto as crianças quanto os animais.

Figura 3 - Oxum e seu mistério



Fonte: Oliveira (2009).

Ogum, seu amigo, mesmo sendo criança, trabalhava e tinha o compromisso de construir objetos de ferro. Era um ferreiro, não havia nenhum adulto capaz de produzir peças melhores que o menino, mas um dia ele se cansou e foi morar sozinho na floresta. Com o passar do tempo, faltou ferramentas e as pessoas não tinham mais instrumentos para plantar e nem colher. Sendo assim, as pessoas começaram a passar fome. Muitos amigos de Ogum fizeram tentativa de convencê-lo a voltar para o povoado, menos seu amigo Xangô, todos sem sucesso. Oxum, corajosa, decide ir em busca de Ogum, com toda sua genialidade e beleza vestiu-se com uma saia e com cinco lenços pendurados, tirou seu adê, sua coroa, soltou seus lindos cabelos negros e crespos e começou a dançar com graça, suavidade e delicadeza, exalando seu perfume.

Oxum vai encantando o amigo que se aproxima e é recebido por ela com mel: “Ogum saboreava o mel, acompanhava a dança de Oxum e entre mel, perfume e dança, quando percebeu, já estava na cidade” (p. 22). A princesa, com inteligência, sabedoria, delicadeza e doçura, consegue trazer Ogum para a cidade e resolve o problema que desolava o povoado, demonstrando suas

---

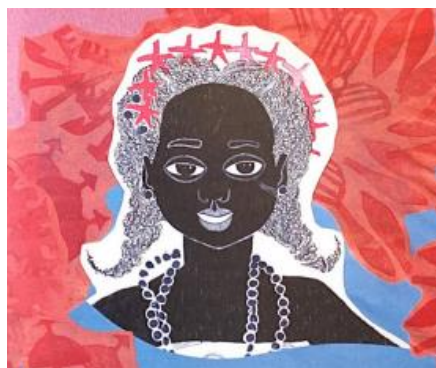
<sup>12</sup> Abebé: leque-espelho, objeto que possui forma circular.



habilidades de uma líder, guerreira, ao solucionar a situação pela sua capacidade intelectual e não pela força, mas com planejamento e execução dos objetivos estabelecidos. A ilustração da personagem evidencia sua beleza, além da reflexão sobre sua doçura e delicadeza, que rompe com a insubmissão ao assumir uma atividade considerada impossível de ser realizada pelos adultos, em especial pelos meninos amigos de Ogum.

O conto “Iemanjá e o poder da criação do mundo” descreve a Rainha do Mar, Iemanjá, que tem o poder de criar divindades, representando a maternidade e o poder da mulher. Iemanjá era muito linda e muito perfumada: “Desde criança tinha atributos como a beleza, a maternidade, a tranquilidade, o equilíbrio e a determinação” (p.24). Linda menina princesa, gostava de enfeitar seus belos cabelos crespos com elementos preciosos do mar, suas cores preferidas eram azul-claro e prata, tinha poderes especiais de criar nuvens, estrelas e orixás.

Figura 4 - O conto de “Iemanjá



Fonte: Oliveira (2009).

Iemanjá vivia sozinha no órun<sup>13</sup>. No céu, não tinha amigos, nem tinha com quem brincar. Vendo a tristeza da princesa, Olodumare-Olofim, conhecido como Ser Supremo e Criador de todos os Orixás homens, decidiu presentear a menina. Porém, foram duas tentativas frustradas de oferecer companhia para a princesa com estrelas e nuvens.

Não durou muito tempo a alegria da menina, as nuvenzinhas foram embora rapidamente para o céu, ainda mais distantes de Iemanjá. Oludomare criou rios, mares e oceanos cheios de conchas, corais, estrelas do mar, fios de prata para tecer suas roupas, oferecendo a princesa como sua morada e proteção. Por fim, Oludomare estendeu as mãos sob a barriguinha da menina e de lá saíram diversos seres protetores, os Orixás, que então teriam responsabilidade de povoar a Terra.

---

<sup>13</sup> Órun: no céu.

Nasceram Ossaim, Oxóssi, Ogum, Xangô, Obaluiyê e os Ibejis. Desta forma, a princesinha não ficaria mais sozinha.

As ilustrações representam uma menina mais velha em relação às princesas Oiá e Oxum, com cabelos crespos trançados em duas mechas e que observa com olhar distante a criação do mundo: “Sua roupa é um vestido nas cores branca e azul, com desenhos de peixes que remete à origem do culto a Orixá, Yéyé Omo Ejá, traduzido como a mãe cujos filhos são peixes” (Quadros, 2020, p. 158). O conto finaliza com o reconhecimento do amor de seus filhos celebrando a princesinha Iemanjá, a Rainha do Mar.

Iemanjá tem o poder de criar divindades, representando a maternidade o poder das mulheres de gerar novas vidas. Para a cultura Iorubalandia, a maternidade está relacionada à possibilidade de escolha, já que a mulher é vista como criadora do mundo e a maternidade está relacionada com potencialidade feminina, e não como uma obrigação de reprodução humana.

A narrativa de “Olocum e o segredo do fundo do oceano” é de uma princesa que vive no oceano, uma linda menina, mas misteriosa e triste. Não gostava de se enfeitar, nem de usar perfumes, tinha beleza natural. Desde criança, tinha atributos como a introspecção, a contemplação, a timidez e a quietude: “Mas a princesinha Olocum guardava um grande segredo: era anfíbia” (p. 30). A princesa tinha uma beleza natural, não era tão vaidosa quanto as demais princesas, as imagens mostram uma princesa de cabelos crespos longos, presos e enfeitados por seu adé e sua coroa de algas marinhas com pedras negras brilhantes. Suas cores preferidas são pratas e verde-musgo.

Figura 5 - Olocun



Fonte: Oliveira (2009).



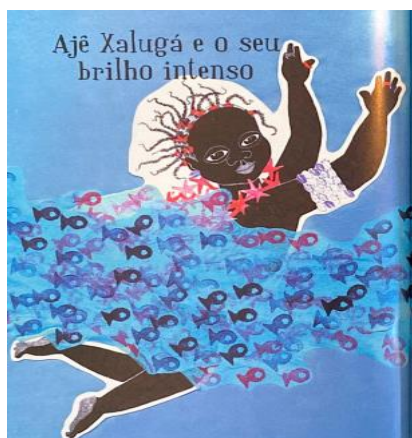
O conto descreve uma princesa solitária, introspectiva e tímida, que quebra os padrões consolidados nos contos de fadas, remete à representação e à valorização das crianças mais tímidas como uma qualidade natural. Olocum tinha um olhar misterioso, era uma anfíbia, passava parte do tempo na terra e a outra no mar. Ser anfíbia era algo que incomodava a princesa, tinha dificuldades em aceitar esta condição, queria esconder este mistério que envolvia sua existência. Chorando a beira do mar, pensava: “Tenho que aceitar a minha natureza, não tenho como modificar isto” (p. 32). Esta situação a qual a princesa enfrentava permite refletir sobre as crianças mais tímidas a aceitarem suas diferenças como algo natural, o que significa compreender-se e a aceitar a si mesma com respeito e a exigir o respeito dos demais colegas.

Olocum confia seu segredo ao amigo Ocô. Sem se importar com os sentimentos da princesa, ele riu da sua condição de anfíbia e recusou-se a ser amigo de alguém que parte do tempo é humana outra é sereia. Além disso, revela o segredo da menina a todo o vilarejo. A princesa assustada e envergonhada se escondeu nas profundezas do oceano. O final da narrativa rompe mais vez com o final feliz dos contos de fada, onde tudo é perfeito, projetando uma idealização de perfeição nos contos, muitas vezes fugindo da realidade.

No conto de “Ajê Xalungá e o seu brilho intenso” a pequena princesa é a irmã mais nova de Iemanjá, “Vive no mar, é muito animada e possui muitos atributos como a beleza, a vaidade, a impetuosidade, a curiosidade, o empoderamento, o orgulho, a determinação e a coragem” (p. 35). Era vaidosa, enfeitava seus cabelos com conchas do mar, fazia vestidos, colares, brincos e anéis, gostava de se enfeitar. Insubmissa, nadava pelos mares, sentia-se poderosa e foi por onde não deveria nadar. A nobre princesa Olocum ensinou alguns segredos, mas não todos, pois julgava que tinha a vida toda para aprender. No entanto, a princesinha curiosa desafiando os segredos do mar esqueceu que jamais deveria ir sozinha desbravar os mares, estava tão orgulhosa de si por ser detentora de um segredo que não se preocupou em se esconder das pessoas que estavam à beira mar, “E se mostrou com todo seu brilho... O brilho era tão intenso que... Ela abriu os olhos, mas percebeu que também não enxergava” (p. 39).



Figura 6 - Ajê Xalungá



Fonte: Oliveira (2009).

Olocum, olhando seu brilho intenso, expressa sua preocupação ao perceber que a menina se aproxima da costa. A princesa já tinha advertido que deveria ter cuidado e responsabilidade com seu mistério e poder: “O que você der aos outros retornará a você” (p. 40). A pequena, sem pensar, vai nadando mais próximo da costa com seu brilho sem ter a intenção de prejudicar as pessoas, mas cega os marinheiros e a todos que estavam por perto da costa como também a si mesma. A irmã mais velha Iemanjá, ao suspeitar que algo havia acontecido com Ajê Xalungá, foi ao seu encontro, pegou a menina em seus braços e a levou para o fundo do mar. A pequena, mesmo ficando cega, encontra novamente a alegria de viver na companhia da irmã Iemanjá que a leva para passear.

O conto apresenta uma reflexão sobre as responsabilidades dos atos de cada indivíduo, como também a importância de ouvir e respeitar os conselhos das pessoas mais experientes, algo muito importante na cultura africana. Outro fato marcante na narrativa é a representação de uma princesa cega, algo que não é encontrado em nenhum outro conto de fadas, demonstrando a possibilidade de inclusão na representação de todas as crianças, inclusive as com deficiência. Ajê Xalungá faz parte da mitologia africana de uma Orixá que, por muito tempo, foi esquecida e aderida apenas na narrativa de Iemanjá, mas atualmente tem sido retomada a sua devida importância.

O sexto e último conto da obra de Oliveira é “Oduduá e a briga pelos sete anéis”, em que narra sobre o surgimento do céu e a terra segundo a cultura ioruba Obatalá, representando o gênero masculino, e Oduduá, o gênero feminino, vivem dentro de uma cabaça. A princesa Oduduá tinha uma beleza rústica e não gostava de se enfeitar, “Ela era a Terra e tinha a força da Terra... [ Possuía como atributos a rapidez e determinação. Era uma guerreira e saía em busca do que desejava, suas cores preferidas eram marrom e o vermelho” (p.43). Oduduá era uma linda princesa guerreira e



Obatalá era um príncipe, antes do Céu e da Terra, os dois viviam em um cabaça, apertados, e discutiam todas as noites para saber quem dormiria na parte superior e inferior da cabaça. O príncipe sempre decidia que ficaria na parte superior da cabaça, e a menina, na parte inferior.

Certo dia, receberam um presente de parentes próximos, sete anéis de ouro que precisam dividir. Obatalá decidiu que ficaria com quatro anéis de ouro e Oduduá ficaria com outros três que restaram. Cansada de receber ordens, a princesa revolta-se com o príncipe e, aborrecida com a situação, parte para cima do menino em uma briga sem fim. Durante a briga, cada um tentava pegar os anéis, mas sem sucesso, lutaram tanto que a cabaça se rompeu em duas partes, sendo uma projetada para cima e a outra para baixo: “Conforme a cabaça se rompeu, a parte de cima dela foi projetada para o espaço juntamente com o príncipe Obatalá; e a parte de baixo permaneceu lá com a princesa Oduduá” (p. 45). E foi assim que a Terra e Céu foram se separaram e os anéis espalhados pelo mundo.

Figura 7 - Oduduá e a briga pelos sete anéis



Fonte: Oliveira (2009)

O conto relata a criação da Terra e do Céu de forma amigável entre os dois irmãos, demonstrando que, apesar das brigas por não concordarem em determinados momentos, os dois continuam se amando e se respeitando mutuamente. Apesar da princesa aceitar a condição do irmão e se submeter à sua vontade em um primeiro momento, por desejar viver segura dentro da cabaça com o irmão, rompe com as tentativas de submissão e interiorização de Obatalá e luta por seu direito, empodera-se e aceita com naturalidade a ruptura da cabaça em sua passagem da infância para a adolescência.

A obra “*Om̃-oba: histórias de princesas*” (2009) apresenta uma variedade na personalidade das princesas, pois cada uma possui características individuais com atributos de beleza, graça, vaidade, genialidade, rapidez, determinação e maternidade. Rompendo com os conceitos dos contos de fada, as princesas são empoderadas, guerreiras, e não dependem de um príncipe salvador, não aguardam uma figura masculina para serem felizes. Na mitologia iorubá, em especial na Iorubá, as princesas são livres dos estereótipos estabelecidos pela sociedade, os quais são apresentados a nós durante anos. As princesas negras, diferentemente dos contos de fadas europeus, saem à luta para conquistar o que desejam.

A princesa Oiá apresenta a transmutação do poder ancestral em seu favor e se coloca em igualdade na luta das espadas com Ogum. Já Oxum, mesmo sendo uma menina vaidosa, bela e perfumada, enfrenta seus desafios, trazendo, com sabedoria, o seu amigo Ogum a retornar para a cidade. Iemanjá, a Rainha do mar, a Grande Mãe, representa a criação do universo, em especial, os Orixás. A irmã mais velha da princesa, Ajê Xalungá a princesa Iemanjá cuida da irmã mais nova que necessita de cuidados devido a perda da visão.

Olocum é poderosa, sem ela não haveria vida marítima, tem um perfil de uma princesa mais tímida, introspectiva e muito bonita. Ajê Xalugá é uma menina impetuosa, cheia de energia, possui um poder especial, tem brilho próprio, porém, não cuida deste presente com sabedoria e responsabilidade, não segue os conselhos da princesa Olocum, ficando cega com seu próprio brilho. Por fim, a obra segue a narrativa dos dois irmãos que disputam o espaço em uma mesma cabaca, sendo imposto pelo irmão as regras de convivência. Porém, a princesa, cansada de obedecer às condições impostas, decide rebelar-se contra a opressão, tornando-se livre para viver na Terra e o irmão no Céu.

Silva (2003) possibilita o entendimento das africanidades a partir dos traços culturais e religiosos comungados por um povo, uma etnia, uma denominação e uma trajetória histórica específica. O livro ressalta a intencionalidade de produção dessas africanidades, estabelecendo processos de compreensão de uma cultura próxima, mas amplamente marginalizada na sociedade cristã brasileira.

## **6 SEQUÊNCIA DIDÁTICA “OMO-OBA: HISTÓRIAS DE PRINCESAS”**

Com o intuito de proporcionar à criança experiências de percepção, formação de novos conceitos e aprimoramento do senso crítico, a proposta das atividades será embasada no trabalho

idealizado por Marta Chaves, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) com a composição do recurso didático nominado “Caixas de Encantos e Vida”, pois, para Chaves (2011), a literatura infantil é essencial no desenvolvimento educativo humanizador. Ao propor estratégias e recursos de ensino apropriados, promove a sensibilidade, a curiosidade, a atenção, a memória e a percepção. Neste sentido, o recurso didático é parte fundamental para oportunizar às crianças momentos significantes e significativos de aprendizagem:

O recurso didático denominado Caixas de Encantos e Vida é elaborado coletivamente. O grupo realiza a escolha de um expoente da literatura, da poesia, da música ou das artes plásticas a ser estudado. A Caixa contempla os “encantos” que, em geral, são representados por cinco temáticas: infância, amigos, obra, viagens e realizações que dizem respeito ao reconhecimento ou premiações que o expoente tenha obtido ao representar a “vida” de um determinado expoente a partir de material escrito, fotos e objetos que caracterizem os diferentes momentos de sua história ao longo de sua trajetória profissional. O objetivo é representar a “vida” de um determinado expoente a partir de material escrito, fotos e objetos que caracterizem os diferentes momentos de sua história (Chaves, 2011, p. 55)

Além dos estudos da autora, ainda se destaca a importância do trabalho de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) para o entendimento das sequências didáticas. Os autores entendem que a sequência didática é um conjunto de atividades organizadas para finalidade educacional. Ela não deve ser meramente linguística, mas transcender esse aspecto para que outras formas de conhecimento sejam planejadas e executadas. Na visão dos autores, a sequência didática baseada nessa conceituação permite que a atividade seja mais crítica, reflexiva, prática e com propósito mais claro.

Com base na obra “Oma-Oba: histórias de princesas”, de Kiusam de Oliveira, foi elaborada a Caixa de Estudos e Pesquisas, com informações sistematizadas da bibliografia da autora, suas obras, viagens, infância e amigos, bem como a realização profissional, reconhecimentos e premiações a partir de materiais escritos, fotos, objetos que caracterizam os diferentes momentos da história da autora.

A sequência didática foi aplicada na Escola Heitor Villa Lobos, na cidade de Colombo, no Estado do Paraná, em uma turma do quarto ano do ensino fundamental. Para o início do trabalho, foi proposto uma conversa informal a respeito do que os alunos conheciam sobre os contos de fadas, princesas e heróis. Em seguida, foi solicitado aos alunos que representassem em forma de desenhos os personagens dos quais mais se identificavam e quais as razões que os levaram a escolher tal personagem. Foi realizado um debate com os alunos sobre suas preferências, representação e significação dos personagens dos contos de fadas que conheciam.

Utilizando a “Caixa de Encantos e Vida”, foi realizada uma roda de leitura dos contos das princesas negras, tendo como elemento surpresa todas as princesas confeccionadas em formato de bonecas abayomi<sup>14</sup>, com a significação da lenda abayomi e a disponibilização de materiais em retalhos de pano para que as crianças confeccionassem uma princesa negra que mais apreciaram e se identificaram. Após a confecção das bonecas, houve um breve debate sobre a compreensão que tiveram sobre o trabalho realizado. Para finalizar, as crianças realizaram uma produção textual com representação de imagens do texto, contextualizando suas novas significações sobre os personagens negros na literatura infantil e juvenil. As crianças demonstraram receptividade e entusiasmo, indicando aceitação quanto à diversidade e a valorização das africanidades.

Para De Castro e Besset (2008), a interação oportunizada para crianças em ambiente escolar possibilita um conhecimento de longo prazo, no qual estruturam-se as bases para que os valores mais essenciais da vida sejam trazidos de maneira dialógica e qualitativa. Na demonstração da temática apresentada, verifica-se que o trabalho realizado na escola, com o livro e o protagonismo feminino negro, possuem condições de apontar conhecimentos e práticas que permitam uma convivência mais igualitária e inclusiva, capazes de gerar efetiva transformação.

Da mesma forma, a sequência selecionada enfatiza o ideal de produção do sentimento de africanidade em atividade escolar, assim como evidencia que a cultura africana não rivaliza ou se opõe, mas que possui riqueza singular nas origens do Brasil, de maneira que o respeito e a aprendizagem precisam produzir consciência, pertencimento e identidade.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção eurocêntrica foi construída durante anos de colonização, império e república no Brasil. Portanto, não é fácil desconstruir conceitos que foram estabelecidos perante a nossa sociedade. A ressignificação se faz necessária para que ocorra a valorização da cultura negra. Foi possível perceber o encantamento nos olhares das crianças ao conhecer os contos das princesas negras, ficando atentos a cada detalhe da contação, nas características de cada uma das princesas, se surpreendendo com a nobreza, a beleza, a genialidade, com a maternidade e, principalmente, por

---

<sup>14</sup> Abayomi: A palavra abayomi tem origem iorubá e costuma ser uma boneca negra, significado aquele que traz felicidade ou alegria. (Abayomi quer dizer encontro precioso: abay=encontro e omi=precioso). O nome serve para meninos e meninas, indistintamente.

algumas delas serem guerreiras, fato que chamou muito a atenção deles, pois perceberam o empoderamento da menina e da mulher negra.

Outro fato marcante na realização do trabalho foi o sentimento de representatividade demonstrado pelas meninas, a valorização da beleza dos cabelos cacheados, da cor, da vaidade, da nobreza de uma princesa negra, assim como a riqueza das africanidades contidas nos contos das princesas negras. O entusiasmo demonstrado na oralidade, na representação de imagens e da produção textual foi algo impressionante por parte da turma, pedindo que tivessem outros momentos como os vivenciados no decorrer da realização do trabalho com esta sequência didática, correspondendo aos objetivos estabelecidos. Assim, o objetivo foi alcançado, pois verificou-se possível aprofundar os conceitos da literatura infantil e juvenil africana e afro-brasileira com a elaboração de uma proposta de trabalho deste tema em sala de aula, valorizando nossas raízes, tendo como base as africanidades e a ressignificação das personagens negras na literatura infantil e juvenil.

Fica evidente que as crianças estão prontas e receptivas para aprender. Portanto, devemos trabalhar com a literatura negra não somente pela obrigação da Lei nº10.639/03 ou apenas no mês de novembro, quando são trabalhados temas relacionados com a temática. Aliás, em algumas escolas são momentos esquecidos ou abordados com preconceitos que estão, por sua vez, ligados ao desconhecimento da cultura negra. O professor deve ter como objetivo a valorização da diversidade e da cultura negra, contribuindo para que se tornem cidadãos/as que respeitem a história, a contribuição dos negros e a pluralidade cultural que nos enriquece enquanto povo e nação.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Débora Cristina. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, 2010.

BARCELLOS, Mario Cesar. **Os orixás e a personalidade humana**. Rio de Janeiro: Pallas, 1990.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2003, p. 1.

BRASIL. Presidência da República. **Lei 11.645**, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 11 março de 2008, p. 1.

CHAVES, Marta. **A formação e a educação da criança pequena: os estudos de Vigotski sobre a arte e suas contribuições às práticas pedagógicas para as instituições de educação infantil**. Araraquara, 2011a. Pós-Doutoramento. Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). 2011.

CASTRO, Lucia Rebello de; BESSET, Vera Lopes. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Editora NAU. 2008.

DAMIANI, M. F., Rochefort, R. S., Castro, R. F. de, D., M. R., & Pinheiro, S. S. (1). Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos De Educação**, (45), 57-67. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i45.3822>. Acesso em: 25/01/2024.

DEBUS, Eliane Santana Dias. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para criança e jovens: lendo Joel Rufino dos Santos, Rogério Andrade Barbosa, Júlio Emílio Brás, Georgina Martins**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2017.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michéle; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: EDUCAÇÃO, Ministério da/ DIVERSIDADE, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 37-62 (Coleção Educação para todos).

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan./abr. 2005.

GUIMARÃES, Geni. **A cor da ternura**; Ilustrações Saritah Barboza. – 2. Ed. – São Paulo: FTD, 1998 – (Coleção canto jovem).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). **Literatura afro-brasileira**. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

JOVINO, Ione da Silva. Título do trabalho. In: **38º Reunião Nacional ANPED.**, 2017, São Luís, Maranhão. Anais do 38º Reunião Nacional ANPED. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017. p. 1-17.



LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira – História & histórias.** (São Paulo, Ática, 2007).

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo.** São Paulo: Ática, 1993.

MARINHO, Josias. **Dados Bibliográficos.** Literafro. O portal da literatura afro-brasileira. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/610-josias-marinho>. Acesso em: 10/10/2021.

MARINHO, Josias. **Dados Bibliográficos.** Literafro. O portal da literatura afro-brasileira. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/610-josias-marinho>. Acesso em: 10/01/2024.

MATA, Flávia Filomena Rodrigues da. **Protagonistas negros nas histórias infantis: perspectivas de representações da identidade étnico-racial das crianças negras em uma Unidade Municipal de Educação Infantil – UMEI.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2015.

MATOS, Camila Lopes Cravo. **As caçadas de Pedrinho através da teoria do efeito: que pensam as crianças quanto às diferenças raciais?** Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, 2012.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Literatura infantil e/ou juvenil: a “prima pobre” da pesquisa em Letras.** São Paulo. USP. **Guavira Letras**, v. 1, n. 06, 2015.

OLIVEIRA, Kethlyn Costa de. **Do Orum ao Aiyê: O sagrado feminino em Omo-Oba: histórias de princesas.** **Revel. Revista de estudos literários da UEMS**, v. 1, n. 24, 2020.

OLIVEIRA, Kisum de. **Omo-Oba: histórias de princesas.** Belo Horizonte: Mazza, 2009.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989.** Mestrado em Educação. – Departamento de Educação da UNEB, Salvador. 2003.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **Personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira e moçambicana (2000-2007): entrelaçadas vozes tecendo negritudes.** Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. **A tessitura dos personagens negros na Literatura Infantojuvenil Brasileira.** Dados Bibliográficos. Literafro. O portal da literatura afro-brasileira. 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/610-josias-marinho>. Acesso em: 10/01/2024.

PAULA, Larissa Oliveira de. **A construção da identidade feminina negra na obra “O mundo no Black Power de Tayó.** Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Licenciatura em Letras – Português/Inglês, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. UEPG. 2021.

PEREIRA, Sara Silva. **A literatura infantil de temática da cultura africana e afro-brasileira, com a palavra as crianças: “eu so peta, tenho cacho, so linda, ó!”**. 2019. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

QUADROS, Dênis Moura de. Negritude e representatividade em Omo-Oba: histórias de princesas (2009), de Kiusam de oliveira: uma proposta de leitura. Artigo de Doutorando em Letras, área de concentração História da Literatura, pela Universidade Federal do Rio Grande - UFRGS. **Revista Humanidades e Inovação** v.7, n.22 – 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos. In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; SILVÉRIO, Valter Roberto. **De preto a afrodescendentes: trajetos de pesquisa sobre negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: Eduscar, 2003. p. 165-180.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves Souza e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. IN: MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Kabengele Munanga - Organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005, p. 155-172.

SOUZA, Wagner de. O negro na literatura brasileira. **Revista de Literatura, História e Memória – Revista da UNIOESTE**, Cascavel, n.1, p. 47-57, 2005.

SOUZA, Renan Fagundes de. **Das teias de Ananse para o Mundo - Áfricas e africanidades na literatura infantil e juvenil contemporânea em língua espanhola**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo, Global, 6ª ed., 1987.

Enviado em: 25/01/2023

Aceito em: 21/05/2024